



EDIFÍCIOS E ENERGIA

Nº 2

ILUMINAÇÃO

SUPLEMENTO

**EFICIÊNCIA ENERGÉTICA
NA ILUMINAÇÃO**

TECNOLOGIA

Optimizadores de energia

ENTREVISTA

Jorge Mealha

Arquitecto

Human Centric Lighting

Estudo da LightingEurope, ZVEI e A.T. Kearney aponta a iluminação "centrada nas pessoas" como um potencial negócio multimilionário na Europa - podendo vir a cobrir cerca de 7% do mercado da iluminação.



ALEXANDRE FERNANDES
Empresário e Docente
no Instituto Superior
de Economia e Gestão

Prioridade à eficiência na iluminação

Com a crescente redução de procura interna, as empresas diminuíram as suas margens brutas, quer por via da retração de vendas, quer pela necessidade de incrementarem políticas mais agressivas de preços.

Com a uniformização do IVA, passou-se a taxar uma refeição ou estada num hotel, como qualquer outro serviço ou produto ao qual se aplica a taxa normal de 23%. Esta medida não tem obviamente em conta que na Europa, basta passar a fronteira, para que um qualquer turista, trabalhador ou operador turístico pague um elevado sobrecusto que se traduz numa perda de competitividade no preço ao consumidor final.

Perante estes dois factos consumados, há três atitudes possíveis, a primeira, relacionada com o continuar a reivindicar um ajuste fiscal ao nível do IVA ou do IRC, a segunda relacionada com o continuar a esperar que o mercado anime e retome a sua dinâmica perdida, algo que claramente não depende somente de nós. Por fim, uma atitude, mais proativa e que depende em primeira instância das empresas, precisamente o começarmos a ser mais verdes, isto é, mais eficientes e produtivos.

Em estudos tornados públicos pela entidade certificadora, ficamos a saber que nos milhares de certificados energéticos emitidos a edifícios de serviços, somente cerca de um décimo tem elevada eficiência energética (classes A ou superior).

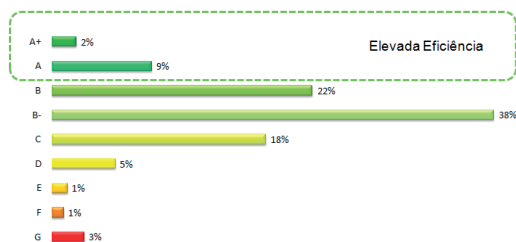


Fig. 1 Classes Energéticas dos edifícios de serviços.

Sendo o custo energético uma parte importante dos gastos, alcançando até 25% dos custos operacionais de um edifício de serviços, a adoção de medidas de eficiência permite o alcance de melhores classes energéticas, obtendo assim poupanças importantes no consumo e respetivos custos, tendo em atenção que cada salto de classe, significa uma redução nos custos totais de uma empresa entre 3% e 10%.

Nos edifícios de serviços, mesmo naqueles que utilizam várias fontes energéticas, a eletricidade corresponde a cerca de dois terços dos consumos energéticos, com a maior fatia a pertencer à iluminação,

climatização e equipamentos.

Os processos de certificação energética concluem que as medidas de melhoria da eficiência energética mais recomendadas incidem em três grandes áreas: iluminação, renováveis e climatização (ver fig. 2).



Fig. 2 Incidência das Medidas de Melhoria em Edifícios, destaque à iluminação.

Mas, como podemos concretizar as medidas referidas num cenário de restrição financeira? Devem ser estimuladas as medidas de mais rápido retorno, que sem excluir outras, constituam um roadmap para a mitigação dos consumos energéticos.

Na área da iluminação, destaque para a introdução de novas tecnologias, como seja o caso da iluminação LED, que, embora de elevado investimento e retorno longo, podem ser interessantes em alguns setores, como o da hotelaria ou iluminação exterior. Ainda na iluminação e igualmente recorrendo à inovação tecnológica, começam a surgir no mercado equipamentos de otimização energética que incluem a regulação ou modelação da tensão, destinados à iluminação fluorescente, vapor de sódio ou iodetos metálicos, maioritariamente utilizadas nos edifícios de escritório, logística, armazenagem ou fabris.

Os equipamentos de otimização, em voga no Norte da Europa devido ao facto de não requererem dispendiosas mudanças da instalação eléctrica existente, quer nas luminárias, quer nas tecnologias de lâmpadas, permitem alcançar períodos de retorno de capital entre os dois e os três anos, o que em momentos de retração de investimento, fazem a diferença.

O investimento em eficiência energética, para nos tornarmos mais verdes, será certamente a forma mais rápida e endógena de ganhar o perdido pela via fiscal e económica. Podendo em alguns casos, dependendo da ambição e capacidade de investir, compensar quase integralmente as perdas de receita.

Quando um dia voltarmos a ter uma política fiscal mais ambiciosa, poderemos reforçar aquilo que muito nos tem faltado em termos de economia, a competitividade.